

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 167 — Domingo, 19 de Agosto de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositarista nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES



AVENÇA

ACTIVIDADES ECONÓMICAS DA PROVÍNCIA

A PESCA DO ATUM

em decadência no Algarve?

Pelo DR. A. DE SOUSA PONTES

O ARTIGO publicado no último número de «Notícias do Algarve», sob o título de «Impõe-se o lançamento de já solicitada armação de atum no sítio do Cabeço», recordou-nos uma tese do sr. comandante Melo de Carvalho, no IV Congresso Nacional de Pesca, na qual se lamenta que a nossa posição de país pescador de atuns tenha decaído extraordinariamente em relação à posição destacada que outros países têm tomado neste capítulo de pesca.

Portugal, apesar de ter as excepcionais condições requeridas para a pesca dos atuns por meio de atuneiros, tem-se limitado aos métodos clássicos das armações fixas, (salvo a recente iniciativa da Empresa de Pesca de Aveiro), pelo que se verifica que as suas pescas baixaram de 0,8% para 0,4% da pesca mundial, no período de 1939 para 1951!

Isto é, de 5.072 toneladas em 1939, baixou para 1.848 toneladas em 1951, estando incluídas nestes números as pescas do continente, que são sobretudo as da nossa Província, e ainda as dos Açores, Madeira e províncias ultramarinas de Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Angola.

E verifica-se este abaixamento, enquanto as capturas das várias espécies de atum em todo o Mundo aumentaram de 384.000 toneladas, em 1939, para 462.000 toneladas, em 1951.

A seguir, o autor deste trabalho cita o exemplo do Japão, que comanda a pesca mundial deste peixe, com os seus 2.000 atuneiros actuais, e mais 250 que pretende adquirir até 1958, calculando poder capturar cerca de 600.000 toneladas de atuns no referido ano de 1958!!!

Esta tese, de quem ocupa posição destacada na organização de pescas portuguesas, vem colocar

os algarvios numa obrigação moral de rever a sua técnica e a sua organização de pescas, lembrando-lhes que, se em 1450, aos pescadores de Tavira foram concedidas regalias pelo rei D. Afonso V, devido às pescas prolongadas que iam fazer aos mares do Cabo Branco, concorrendo para a prosperidade económica do País, como comenta o dr. Alberto Iria, em «As Pescarias do Algarve», não faz sentido que 5 séculos passados, não só nos portos algarvios não arme qualquer barco de pesca do alto que abasteça de peixe, durante os meses de inverno, a nossa Província, contrabalançando as falhas da pesca costeira, como também não possua

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

CHEGAM A ESTA VILA

no próximo dia 21, terça-feira

OS CICLISTAS DA 19.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

A NOSSA terra vai viver, depois de amanhã, momentos emocionantes com a chegada dos ciclistas da «XIX Volta a Portugal em Bicicleta», que finalizam em Vila Real de Santo António a 4.ª etapa. Desde 1939 que esta vila não assistia a um espectáculo desportivo desta natureza, e este ano, pelo facto de participarem na «Volta» os ases mais famosos do ciclismo nacional, o interesse suscitado na população local, mesmo entre a popu-

A PROJECCÃO DO ALGARVE NO SUL DE ANGOLA

Pelo MAJOR MATEUS MORENO

SE há região do Ultramar Português cujas povoações se possam considerar verdadeiramente transplantação espiritual da Metrópole, nenhuma como o Sul de Angola.

Moçâmedes e Porto Alexandre, sobretudo, na parte que ao Algarve respeita, são dois inegáveis atestados da sua indestrutível presença étnica.

Sabe-se, de facto, que já em 1844, cinco anos, portanto, antes da fundação oficial de Moçâmedes, a rainha D. Maria II, interessada decerto pelos problemas da colonização europeia de África, para ali mandava mil anzóis, «por lhe constar que era uma baía de muito peixe onde já havia pescadores algarvios.»

Aos meus reconhecimentos sobre o algarvismo da região, feitos de 1954 a 1959, como comandante de uma unidade militar da mesma e mestre de rapazes e meninas, no Liceu da Huíla, pude gratamente juntar, em 1949, os que me proporcionou o ilustre Governador Geral de Angola, sr. capitão Silva Carvalho, em inesquecível viagem de avião, na sua companhia, a todas as principais povoações do sul da Província e aos dois colonatos indígenas que nas terras férteis de Caconda então se iniciavam.

As especiais provas de carinho de que me rodearam, nessa viagem, numerosos veteranos da colonização de Moçâmedes, apenas, sem dúvida, por ser algarvio, para sempre me ficaram no coração.

Julgo ter deixado bem expressos na mensagem regionalista que ao regressar a Luanda lhes dirigi, através do Rádio Clube de Angola, os sentimentos que tais provas me alentaram.

No Lobito, ao descer do «Dakota» que conduzia o Governador e sua comitiva, dirigiu-se-me comunicativamente um velho ainda desempenado, que desejava também cumprimentar-me, como algarvio. Disse chamar-se João Xavier dos Reis, mais conhecido em toda a costa angolana pela alcunha de «O Velho Baralhau», e que, apesar dos seus 79 anos de idade e mais de 60 de activo serviço nos mares de Angola, ainda não estava disposto a abandonar o veleiro «Judite II», de que era mestre.

Recordo-me então, com orgulho, haver sido um dos componentes das 14 famílias algarvias que em fins de 1890 embarcaram em Olhão, a bordo do veleiro de 30 toneladas «D. José I», com destino a Moçâmedes e ali chegaram

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)



Estrada através da Mata Nacional onde se projecta instalar o Parque de Campismo

QUE É FEITO DO PARQUE DE CAMPISMO?

A NOSSA Câmara Municipal, por diligência do seu ex-presidente e presente cidadão dr. Alonso Vasques, obteve da repartição competente o terreno indispensável ao projectado e necessário Parque de Campismo, na Mata Nacional. Não sabemos se o projecto está em transe de ser executado, como se impõe, se sobre ele caiu a chamada capa do esquecimento. Dizem-nos que a zona delimitada para o parque está a ser frequentada por muitos campistas que ali vão repousar e haurir o ar salubérrimo do mar e do pinhal, sendo pena que não disponham daquelas redu-

zidas comodidades que a gente que gosta de viver a Natureza exige, para seu maior conforto.

A propósito, transcrevemos do nosso prezado colega «Sesimbrense» as seguintes referências ao parque de campismo daquela praia:

«Mantendo esse parque de campismo, já lá vão al-

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Quem?

Estou aqui, na esplanada. Escrevo. De ves em quando, levanto os olhos, a pescar no céu azul o termo que me convém. Irrito-me. Entre mim e o céu há letreiros pendentes das árvores: Masagran, cacau glacé, Everest Milk...

Língua bem amada. Língua de Cambes, bem amada. Amada língua de Torga e Gil Vicente. Porquê todos estes lanhos na tua face digna, puríssima? Porquê todas estas nojentas cuspidelas nas meninas dos teus olhos, esses profundos olhos que Graciliano nos ensinou a amar? Língua bem amada... Quem lucrará com o teu eclipse, quem?

In vlt caminho

Daqui à praia é um carreirinho tortuoso. «In vlt caminho», como se dizia no tempo da «Presença». Gosto dele, embora o preferisse com um pouco mais de caridade. Com mais sombra. Sol, sol a valer, sol quanto haja, na praia. Quando eu era pequenagostava da beira-Atlântico fosca. Tudo recolhido. Bandeira de alarme na ponta do mastro. O vôo meditado da gai-vota. E eu. Eu só, na orla seca e áspera das conchas. Eu com meus sonhos, meus pensamentos, minha poesia aprendendo com o vôo das gai-votas a ser alta e meditada. Agora, não. Agora, Sol quanto haja. Sol aivando a baralhar-se. E a fugir. Há demasiada luz, para elas. Acho muita graça à minha poesia. O ideal para ela é estar à sombra—cantando o Sol. E regresso a penas.

Gestos. Gestinhos para o pão...

Não era da praia que eu queria falar. Era do homem dos gestos. Barbudo e magro. Um

(CONTINUA NA 5.ª PÁGINA)

VII TORNEIO OFICIAL DE TÊNIS NA PRAIA DA ROCHA

POR iniciativa do Clube de Tênis da Praia da Rocha, iniciou-se no passado dia 17 do corrente e termina hoje, na bela estância balnear algarvia, o VII Torneio Oficial de Tênis, em que são disputadas, entre outras, as valiosas taças «Câmara Municipal de Portimão», «Comissão Municipal de Turismo», «Sica», «Casa Feu», «Grande Hotel da Rocha», «Hotel Bela Vista», «Pensão Sol», «Bouhon & Irmão, Lda.», «Companhia de Seguros Ourique», «Siral», «Sofal», «Alberto José de Almeida», «Ourivesaria Leal», «Ourivesaria Catarino», «Cônsul de Espanha», etc., e ainda um «Aro de raquete Slazenger Power Game», gentilmente oferecido pela conhecida firma C. Santos, Lda., de Lisboa.

Quer pela quantidade e valia dos trofeus que mais uma vez são disputados e a que acima fazemos referência, quer pelo número e categoria dos participantes que sempre costuma registar, quer ainda pela selecta assistência que anualmente ocorre aos belos «courts» de ténis da Praia da Rocha para apreciar o desenrolar das partidas, o Torneio constitui sempre um dos mais concorridos e apreciados números de toda a temporada balnear na elegante praia algarvia. Primando pelo seu elevado

desportivismo e alto valor técnico, estamos certos que eles constituirão este ano mais uma jornada de brilhante relevo.



PRAIA DA ROCHA

Festas em honra de Sta. Catarina

Com grande luzimento, realizam-se no próximo domingo, dia 26, as populares festas em honra de Santa Catarina, padroeira dos pescadores de Portimão.

Do programa constam festividades religiosas, Missa solene, procissão e sermão, com a assistência de S. Ex.ª Rev.ªm o Bispo do Algarve, e bênção dos barcos de pesca, com largada de pombos correios. À noite, haverá animado arraial, concertos pelas bandas da L. P. de Olhão e Soc. Filarmónica Silvense, fogos de artifício soltos, aéreos e aquáticos, e outros números espectaculares.

lação indiferente a estes prêlios do desporto, é justificadamente muito maior.

Por outro lado, a Direcção do Lusitano Futebol Clube, que foi encarregada pela Organização de tratar nesta localidade de todos os assuntos relacionados com a «Volta», nada tem descurado, merecendo especial referência o seu dedicado presidente, sr. António dos Anjos Ruivinho (de quem um grande amigo do Lusitano, o sr. Augusto Tavares, se tem mostrado preciosíssimo colaborador), e que tem sido verdadeiramente incansável, procurando que a nossa terra corresponda condignamente à distinção que significa a sua escolha para final de etapa.

Assim, conseguiu que tanto aos ciclistas, como aos dirigentes federativos,

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

CARTA DE LISBOA

FÉRIAS NA CAPITAL

Pelo DR. FRANCISCO FERNANDES LOPES

COMO não está provado que se não possa passar o verão em qualquer parte, resolvi este ano, para variar, substituir o meu costumeado veraneio augus-tal, de Sines, por um veraneio aqui em Lisboa.

Como não sou *banhista*, não preciso de mar; e sendo apenas *praista*, se quiser praia tenho uma enfiada delas por toda a famosa *costa do sol*, aonde o comboio ou o eléctrico me levarão facilmente... Mas como em Sines o meu veraneio se nutria de trabalho intelectual, quer em casa quer na praia, o mesmo farei aqui — e com a vantagem de não ter que descer à praia, pois a casa de família onde me alojo tem um terrasso vasto, esplêndido, circundado de jardins e desafogado de prédios encurralantes.

Aqui venho, pois, pela manhã, como agora — ou a qualquer hora do dia, ao sol ou à sombra (pois dá para os dois paladares) — sentar-me a ler ou a escrever, sem nada que me perturbe no meu labor, sendo o bairro tranquilo; e agora, por exemplo, o vaguíssimo rumor da cidade apenas é mar-

chetado pelo chilrear duns pássaros de gaiola vizinha...

Julgo assim que não poderia ter escolhido melhor, nesta Lisboa a que tenho ligada, é verdade, uma boa parte da minha existência...

De facto, o nome de Lisboa encontro-o na mais remota reminiscência que tenho da minha infância; dos 5 anos e meio, pouco mais ou menos... Era uma cantiga que ouvia, por vezes, a uma velha, mendiga duma casa de família aonde ia frequentemente. Cantava a velha, em voz esganiçada e rouca pelo alcoolismo, uma cantiga abrejada do folclore da época, certamente, de que retive apenas as palavras

... uma noite em Lisboa eu vi uma moça catita bem boa envolvida numa música a 6/8 que ainda não esqueci... Chamavam à velha, asquerosa, curvada, rebuçada num chaille, ar perfeito de bruxa! — a *Chá preto*.

Lisboa apareceu-me depois realmente diante dos olhos, tinha eu seis anos, em 1890, portanto, quando ali fui com minha mãe, não sei por que motivo. O comboio estava longe ainda, nessa data, de ter passado do meio do Baixo-Alentejo; e recordo-me assim de ter ido em trém, de Olhão a Vila Real, pela madrugada, a tomar o vapor que subia o Guadiana até Mértola... (no alvor da manhã ficou-me na memória visual a silhueta dum homem a bordo, com um chapéu de empreita na cabeça...) De Mértola a Beja, novamente de trém... (à luz da lanterna do carro ficou-me a visão do movimento das cabeças dos cavalos...) e recordo-me também de que se parara numa rua de Beja por se ter quebrado a lanço do trém.

De Lisboa propriamente apenas me lembro da casa, que era na calçada dos Navegantes, ao pé da Basílica da Estrela; e numa parede da casa estou a ver ainda um

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

CRÓNICA DE OLHÃO

JULHO, 27 — Olhão não me preocupa, por ora. Vejo-a novamente activa, a velha doca repleta de barcos, as fábricas apitando o dia inteiro. Um bem estar parece envolver a vila, uma calma dormente asfixiada nas horas mortas do dia. O ruído cadenciado das máquinas é o único sinal de vida que se evolva nos ares juntamente com os apitos das sirenas. Mas o horizonte branco fere-nos a

vista, entontece-nos, sufoca-nos. O terra branca, que parece encantada! Quem poderá aguentar, diz-me, nestas tardes soalhentas, um demorado olhar, à vista desarmada, sobre as tuas naves açoteias e mirantes?...

AGOSTO, 1 — O ar quente entorpece, paralisa os sentidos e os pensamentos. Que calor, santo Deus! Nem uma aragem, nada.

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se na praia de Quarteira, a passar as férias, o nosso illustre comprouviano, sr. dr. José António Madeira, astrónomo do Observatório Nacional da Ajuda.

Acompanhado de sua esposa e de passagem para Lisboa, cumprimentamos nesta vila o sr. 2.º tenente Manuel Francisco dos Santos Domingues, que após uma digressão pelo sul de Espanha, esteve em Almada de Ouro, do concelho de Castro Marim, a passar parte do seu período de licença.

De visita a seus pais, encontra-se entre nós, acompanhado de sua esposa e filho, o nosso prezado confratão sr. Hugo Alves Fernandes Ribeiro, residente em Lisboa.

Vindo de Lisboa e de visita a seus pais, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo sr. José Manuel Pereira, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. José Luís Camarada.

Acompanhado de seu filho, encontra-se nesta vila, em casa de seus sogros, a sr.ª D. Garibaldi Hilário Reis.

Acompanhado de sua esposa, tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado amigo e confratão, sr. Manuel Pinhol da Encarnação, residente em Lisboa.

Em casa de sua família e acompanhada de seu filho, encontra-se em Monte Gordo a sr.ª D. Albertina dos Anjos Ruivinho Soares, esposa do nosso prezado assinante, em Vendas Novas, sr. João Henrique Soares.

Acompanhada de seus filhos, encontra-se nesta vila, de visita a seus pais, a sr.ª D. Maria Manuela de Sousa Cruz, esposa do nosso prezado assinante sr. Renato Adriano da Cruz.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Pepa Clemente Fernandes de Vasconcelos, encontra-se em gozo de férias, nesta vila, o sr. Delmonte Fernandes de Vasconcelos, categorizado funcionário do Centro de Documentação Científica de Alta Cultura, nosso prezado assinante em Lisboa.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado assinante sr. João Carlos Ramires, residente em Aljustrel.

Encontra-se a férias o sr. José Norberto Pereira Domingues, estudante de Engenharia no I. S. T. em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o nosso prezado assinante sr. João C. Gonçalves, residente em Almada de Ouro.

Clube Náutico de Portugal

A delegação local desta simpática agremiação, que às actividades náuticas e atléticas da nossa terra muitos benefícios proporcionou, acaba de sofrer importantes reparações na sua sede, com vista a beneficiar mais as suas instalações. A nova direcção, desejando impulsionar novamente o gosto pelo desporto e formação náutica, tem já pronta uma baleeira para a prática do Remo. Portanto, os sócios do C. N. P., interessados na modalidade, deverão comparecer na sede do clube para tomarem conhecimento do plano de actividades que a nova direcção projecta executar, a fim de renovar nesta terra o interesse pelos desportos náuticos.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ar de... quem quer ver que não consigo explicar? Veio subitamente a ideia a palavra certa, e desapareceu, como se se apagasse. Recordo agora que não era uma palavra. Era uma imagem. Já está. Já sei. Um ar de apóstolo. Quando lia Máximo Gorki, certas figuras dele representaram-se eu assim; magras, barbudas, com uns olhos brilhantes. Mas os olhos do homem dos cestos não são brilhantes. São tristes. São aoentes. Há neles mais solidão do que luz. Amo os olhos assim. Fico muito tempo a olhar para eles. Pretendendo atenuar a solidão? Talvez. Geralmente a tristeza deles escolhe-se furtivamente nos meus. Mas não parecem ficar muito gratos. Pelo contrário, tornam-se mais frios. Hostis. Repelem-me.

Dizia eu que o homem dos cestos... Antes de mais nada, há uma cousa que devo dizer. É que não parece homem da cidade. Não tem a desenvoltura, descaramento cidadão. Não sabe estar. Não sabe falar. É incapaz de responder sem desprezar os olhos da tarefa. Como se entrasse, de botas sujas de terra, numa sala de visitas com piano, sofá e carpete. Mesmo a barba dele. Na cidade, por muito pobre, ninguém usa aquela barba compacta, avassaladora, negra. Selva onde não sei por que milagre escaparam os dois lagozinhos de azul arrependido. O homem dos cestos arruma-se, à chinesa, debaixo de um pequeno arbusto, a dois metros do tal invio caminho. Ele e um monte de vimes. Abre um vime em três partes, primeiro com a ponta do canivete e depois com um naco de madeira em forma de ovo, facetado. Depois entrança os vimes e quando menos esperamos, enquanto voltamos a cara, está um cesto feito. Alinha os cestos em fila de ganço e apregoa, numa voz desajeitada.

— Cestos. Cestinhos para o pão, quando o padeiro chega. As veraneantes suspendem a marcha para ver o trabalho. Perguntam:

— A como são?
— A cinco escudos.
Compram. Faz negócio. E enquanto recebe o dinheiro e entrega a obra, vai dizendo:

— São muito bons estes cestinhos para o pão quando o padeiro chega.

Meia dúzia de palavras. Concretamente: são nove palavras. E'luard, porém, não precisava mais do que isso para levantar um poema. Tal qual o homem dos cestos. Dis o seu verso e os veraneantes levam-no e trazem-no no ouvido. Da confiança. «Quando o padeiro chega...» Um talisma.

É o homem entrega o objecto, volta a sentar-se, de perna cruzada. E lá fica a apregoar surdamente, sem levantar os olhos da traça mágica.

— Cestos. Cestinhos para o pão, quando o padeiro chega.

QUEM PERDEU?

No posto da Polícia de Segurança Pública, desta vila, encontra-se depositado um porta-moedas e um farol de automóvel, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

OFERECE-SE

Empregado de Escritório

Com o Curso Comercial, longa prática de contabilidade Comercial e dactilografia, sabendo francês e Estenografia, e com alguns conhecimentos de contabilidade Industrial e Agro-Pecuária. Dá referências.

Resposta a este Jornal ao n.º 54.

Justa Homenagem

PELO Conselho de Administração e todo o pessoal superior da Companhia Industrial do Algarve, foi prestada homenagem, no passado dia 2 de Agosto, ao 1.º empregado da referida Empresa, sr. Francisco da Encarnação Ferrinho, pela passagem do seu 50.º aniversário natalício, cujo motivo deu origem a que se deslocassem a Estol, onde na residência do homenageado foi servido um finíssimo e abundante lanche.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. Luís Lopes Mateus, em seu nome e no da Empresa que representava, para afirmar a sua estima pelo homem e pelo funcionário que, com brilho, desempenha as suas funções há 32 anos, merecendo, por distinção, o lugar que hoje ocupa, de chefe dos Serviços.

Terminou fazendo votos pela longa continuação da sua vida e oferecendo ao homenageado, nesta altura, uma artística e valiosa salva de prata, na qual fora gravada a seguinte inscrição:

Ao prezado amigo
Francisco da Encarnação Ferrinho
no dia do seu 50.º Aniversário;

Meio Século passou já, da tua vida,
E, p'las virtudes, valoroso te tornaste,
Parabéns te damos, de alegria sentida,
Nós, os amigos sinceros, com quem
[Privaste.

Os Administradores
e Colegas da C. I. A.
2-3-956

Falaram, depois, alguns dos colegas do sr. Ferrinho, que igualmente fizeram sentir a estima que, no trabalho ou na convivência, ele lhes merecia. Todos aproveitaram a oportunidade para elogiarem a simpatia e lhanza da esposa e filha do homenageado, sr.ª dr.ª D. Juliana da Conceição Brito Ferrinho e menina Maria Judite de Brito Ferrinho, que não se pouparam a esforços para bem receber, deixando-os encantados.

Por último, falou o sr. Ferrinho, que agradeceu a homenagem e frisou que, como sempre, continuava pronto a desempenhar as suas funções de amigo, colega e funcionário da Empresa que já, e em virtude dos seus muitos anos de serviço e da confiança com que se dignavam honrá-lo, considerava sua (moralmente, claro, pois nenhum interesse material, a não ser o da simples e justa retribuição do seu trabalho, o movia no cumprimento dos seus deveres).

Depois de uma óptima tarde e parte da noite de camaradagem, todos retiraram, satisfeitos pelo bom acolhimento.

EUGÉNIA LIMA

NO FESTIVAL
da Casa do Povo de Luz de Tavira

Promovido pelo Centro de Recreio Popular da Casa do Povo da Luz de Tavira, realiza-se hoje, à noite, um interessante festival, em que se fará ouvir a exímia acordeonista Eugénia Lima, a qual se exhibirá em solos de acordeão, para concerto e baile.

Durante este festival, serão queimados vistosos fogos de artifício, sendo sorteado, pelas mesas do recinto, um delicioso prémio, que caberá aos ocupantes da mesa premiada. A marcação de mesas dá direito a quatro cadeiras, havendo um esmerado serviço de bufete.

S I M . . .

Deseja comprar V. Ex.ª lindas ofertas em
VIDRO ou LOUÇA «VISTA ALEGRE»
não pagando luxo?

SÓ NA

MERCEARIA NOVA

DE

JOSÉ BENTO DE SOUSA e FILHO

RUA BARÃO DO RIO ZÉZERE, 19

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do

Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Exportação de cortiça

Nos primeiros seis meses deste ano, a exportação de cortiça não manufacturada atingiu o total de 52.214 toneladas, no valor de 398.665 contos. O principal comprador de aparas foi os Estados Unidos, com 17.292 ton., no valor de 93.948 contos, e de prancha, a França, que adquiriu 3.136 ton., no valor de 45.351 contos, seguindo-se o Japão (1.630 e 16.004); a Rússia (1.584 e 28.051) e a Alemanha (1.218 e 16.885). A Argentina, que era um dos maiores compradores, adquiriu 439 ton., no valor de 5.851 contos. No que respeita a refugo, também os Estados Unidos aparecem em primeiro lugar, com 2.098 ton., no valor de 11.746 contos, seguidos da Holanda, com 1.297 ton. e 6.395 contos.

Em serradura ocupa o primeiro posto o Reino Unido, que adquiriu 1.490 ton., no valor de 9.354 contos, seguindo-se a Alemanha com 945 toneladas. No que respeita a cortiça virgem, foi a Dinamarca a principal interessada, pois comprou-nos 860 ton., no valor de 4.204 contos, seguida dos Estados Unidos, com 627 ton. e Suécia, com 326 ton.

De cortiça em obra saíram do País 9.693 ton., no valor de 118.219 contos. O principal consumidor de discos foi o Reino Unido, que adquiriu 317 ton., no valor de 7.552 contos, seguido da Holanda, com 174 ton., e da União Sul-Africana, com 145 ton. A Alemanha aparece-nos como o principal comprador de rolhas: 708 ton., no valor de 30.258 contos, seguindo-se-lhe o Reino Unido, com 468 ton. e 27.881 contos e a França (447 e 23.252 contos). A Índia comprou-nos 120 ton., no valor de 5.899 contos. O valor total da exportação de rolhas atingiu 169.765 contos, correspondente a 3.195 toneladas.

Movimentação de conservas

As conservas de peixe saídas do País nos primeiros seis meses do ano decorrente totalizaram 18.035 ton., no valor de 293.414 contos. A sardinha, como sempre, ocu-

pou o primeiro lugar, com o valor de 209.118 contos. O principal comprador foi a Alemanha com 3.204 ton., no valor de 48.474 contos. Por ordem decrescente, seguiram-se-lhes: Reino Unido (1.957 e 20.259); França (1.468 e 22.248); Itália (1.246 e 18.872) e Bélgica-Luxemburgo (1.053 e 15.836). Como de costume, a América figura à cabeça dos adquirentes de anchovas. Das 1.611 toneladas exportadas, comprou 997, no valor de 28.949 contos. Seguiu-se-lhe a Suíça com 115 ton., no valor de 3.340 contos. Mostraram-se também compradores interessados a Itália (87 ton. e 2.552) e o Canadá (58 ton. e 1.676).

De atum, saíram 470 toneladas, no valor de 11.001 contos. O principal comprador foi, como é de tradição, a Itália, que adquiriu 203 ton., no valor de 4.881 contos, seguido da Venezuela, que comprou 81 ton., no valor de 1.913 contos.

Os Estados Unidos, a quem não sorri o atum do Algarve, adquiriu 10 ton. de atum branco, por 258 contos. Em Maio encontravam-se nos entrepostos de Lisboa 68.265 quilos de atum colonial a aguardar comprador, volume este que deve ter aumentado muito nos últimos meses. Deve esclarecer-se que o mercado interno está a manifestar uma certa preferência pelo atum branco, como se verifica pelas importantes aquisições feitas de atum de África, Madeira e Açores. O atum de revez conservado em azeite não tem grande aceitação; o público prefere o salgado, em especial a barriga.

De óleo de sardinha saíram, nos primeiros seis meses, 582 toneladas, 393 das quais para a Noruega, e de conservas de cavala exportaram-se 690 ton., no valor de 12.118 contos. No que respeita a conservas de produtos hortícolas expediram-se 1.169 ton., com o valor de 6.867 contos.

Igualmente, nos primeiros seis meses deste ano, exportaram-se: 3.603 ton. de alfarroba triturada; 197 ton. de grão de alfarroba; 18 ton. de amêndoa com casca e 1.250 ton., no valor de 60.068 contos, de miolo de amêndoa e ainda 834 ton. de figos secos, com o valor de 1.772 contos.

A propósito de figos, chamamos a atenção dos preparadores deste produto para o diploma publicado há dias sobre a preparação de pasta, com o fim de acautelar esta defesa do figo algarvio.

Não vá acontecer o mesmo que se verificou com os aperitivos de conservas de peixe (antepasto) que foram desacreditadas por industriais gananciosos, perdendo-se os mercados que se tinham criado. — J. B.

ERVILHAS PARA SEMENTE

Ervilhas (Griséus) de Albufeira, das melhores qualidades, seleccionadas, para semente.
Vende: Francisco Carmo de Jesus — Albufeira.

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António
De 11 a 17 de Agosto:

TRAINEIRAS

Flor do Sul	67.995\$00
Sul	67.775\$00
Levante	58.990\$00
Tufão	53.135\$00
Conceição	51.141\$00
Maria do Rosário	47.695\$00
Deolinda Rita	46.285\$00
Pérola do Guadiana	43.835\$00
Lenita	41.250\$00
Mogador	32.356\$00
Agadão	30.010\$00
Sol Nascente	28.460\$00
Raulito	27.985\$00
Janita	27.880\$00
Brisa	25.010\$00
Pinguim	24.140\$00
Flor do Guadiana	21.800\$00
Norte	21.490\$00
Liberta	19.300\$00
Audaz	18.760\$00
Ramira	14.410\$00
Infante	13.642\$00
Rajada	11.485\$00
Costa Azul	9.915\$00
Triunfante	9.655\$00
São Torquato	9.080\$00
Tólis	7.750\$00
Malaca	5.895\$00
Tozé	4.380\$00
Alvarito	1.010\$00
Persistente	350\$00
Novo S. José	75\$00
Total	842.944\$00

CERCO

Novo Machado 3.375\$00

Atum da costa Algarvia

231 Atuns	202.166\$70
46 Atuarros	28.133\$40
32 Albacoras	11.900\$00
59 Cachorretas	8.665\$00
Total	250.915\$10

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

De 11 a 17 de Agosto:

Entrados:

TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

MADEIRENSE, Português, para o Funchal, com sal e obra de palma.

MADALENA, Português, para o Funchal, com sal.

TERCEIRENSE, Português, para Ponta Delgada, com sal.

HORÁRIO DE CAMIONETAS

Vila Real - Monte Gordo:

Partidas de Vila Real - A's 8,20 - 9,00 - 10,00 - 12,15 - 13,15 - 18,15 - 19,15 - 21,30 - 22,30 (a) - e uma hora da manhã (a).

Partidas de Monte Gordo - A's 8,35 - 9,15 - 10,30 - 12,45 - 13,45 - 18,45 - 20,30 - 22,00 (a) - 0 horas e 2,15 (a) da manhã.

(a) - Só se efectua às Quintas-feiras, Sábados e Domingos, de 10 de Agosto a 20 de Setembro.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 18 a 24 de Agosto, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal, Telefone 49.

ACTO LOUVAVEL

Na praia de Monte Gordo, foi achada, há dias, pela sr.ª D. Capitulina Leitão, desta vila, uma carteira contendo valores em dinheiro e documentação de importância.

A achadora fez imediata entrega do achado ao guarda fiscal daquela praia, sr. Hilário Rodrigues, por quem foi entregue ao respectivo dono, tripulante dum navio surto neste porto.

Trata-se dum acto digno de louvor, pela honestidade digna de ser imitada que revela, e por isso o delinquente aqui registado.

Agradecimento

Francisco Rita Peres

Sua esposa e irmão, na impossibilidade absoluta de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que acompanharam a última morada o seu desditoso esposo e irmão, ou de qualquer forma manifestaram o seu pesar, lhes vêm por este meio agradecer penhoradíssimos,

Manhã de Praia

O SOL inunda a minha barraca e um raio mais maroto descerra-me as pálpebras e convida-me a ir dar os bons dias à Natureza.

O Oceano, muito azul e calmo como um lago, a areia com reflexos de ouro, o pinhal, onde nem um sopro faz mexer as agulhas dos pinheiros, os pequenos arbustos que aqui e ali nasceram sem se saber como, tudo parece espreguiçar-se e agradecer ao Sol pelos seus raios que os fazem renascer para a vida.

A PESCA DO ATUM em decadência no Algarve?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mos os atuneiros que em todo o mundo se utilizam para obter os altos rendimentos que atrás indicamos.

E o mais interessante é que o atuneiro é um tipo de embarcação de pesca que foi desenvolvido pelos portugueses que emigraram para os Estados Unidos da América do Norte.

Considera-se hoje a pesca mais rica do mundo a que é feita pelos atuneiros norte-americanos — são barcos de 30 a 50 metros de comprimento, têm uma tripulação de 10 a 20 homens e podem estar fora 2 a 3 meses.

Estes barcos começam por pescar o isco, ou seja as pequenas sardinhas e anchovas indispensáveis para atraírem o atum. É preciso apanhar entre 10 a 15 toneladas destes pequenos peixes e mantê-los vivos, semana após semana, em grandes tanques de madeira, no convés. São precisos cuidados especiais para conservar vivo o isco, sendo necessário fazer circular água constantemente nos tanques, tendo as paredes dos tanques pintadas de branco e bem iluminadas, a fim de o peixe não se assustar e não correr até morrer — e deve também ser alimentado.

Quando se descobre um cardume, o barco pára, e os homens vão para os patins de pesca, enquanto o tratador do isco atrai os pequenos peixes ao mar, excitando a voracidade do atum, que fica como louco. A faina da pesca adquire então uma actividade febril, parecida à da nossa tourada do mar.

As canas de pesca dobram-se, os homens gritam; grandes atuns saltam da água, em perseguição das sardinhas; vêm-se pontos luminosos riscando o espaço, e em seguida os corpos escorregadios dos peixes vêm cair no convés, cheios de sangue.

Depois de uma hora de pesca movimentada, a faina acabou, porque o peixe deixou de se atrair ao isco e o atuneiro, chamado «clipper» pelos americanos, volta a nova procura de mais cardumes.

E assim, apanhando 20 toneladas aqui, mais outras tantas mais longe, o barco, carregado de 200 a 300 toneladas de peixe, congelado a 40° C e conservado a 20° C, e que valem à razão de 8 escudos o quilo, regressa ao porto de aparelhamento, onde estão as fábricas de conservas.

Em Fevereiro do corrente ano, um clipper norte-americano descarregou 800 toneladas de atum numa só viagem de 72 dias à costa do Peru, que lhe renderam perto de 4.800 contos.

Esta pesca efectua-se durante todo o ano e foi para a fomentar que se publicou, através da Direcção Geral das Alfândegas, uma lei que reduz os direitos de importação para \$05,5 por kg., enquanto o imposto de pescado sobre o atum algarvio é da ordem dos 7%, ou seja cerca de \$60 por kg. É claro que para não fazer concorrência desleal ao atum algarvio, esta medida de abaixamento de impostos tem lugar apenas no período que vai de Setembro a Abril, quando as armazéns fixas do Algarve não pescam.

Que os atuneiros algarvios não deixem de concorrer para a laboração das fábricas de conservas durante o período de defeso da pesca da sardinha, são os nossos votos.

Quarteira, 14 de Agosto de 1956.
A. de Sousa Pontes

Junto da minha barraca passa gente com baldes, tachos e panelas. Saudam-me, com um sorriso optimista, onde há confiança e esperança numa vida melhor. De dentro de uma barraca vem o choro de uma criança. É mais um hino à Natureza, à sua força criadora, ao seu poder, superior a tudo o que o homem possa imaginar.

Decido trabalhar também. Cada gota de água que cai do meu balde é nota de desconhecida sinfonia, onde há amor, vida, beleza, juventude. Sinto vontade de pular, rir, brincar. Esqueço-me das preocupações do dia que passou, dos aborrecimentos do que há-de vir e vivo o presente. Dou largas ao desejo, há muito contido, de brincar, de me sentir livre. Corro, salto, deixo que o Sol torne mais escura a minha tez, que as mansas ondas venham bater contra o meu peito nudo. Sinto que nada me prende à terra, que sou livre como a brisa que mansamente impele as velas por sobre as cristas das ondas, como as aves que com os seus chilreios tornam mais alegre esta manhã.

Um barco passa ao largo. O fumo da sua chaminé escurece o azul do céu. Sinto-me agora mais triste. Penso em todos aqueles que não podem gozar na sua plenitude tudo o que a Natureza lhes pode oferecer. Frente aos meus olhos passa uma legião de homens de rosto tisonado, tronco avermelhado, que alimentam incessantemente enorme bocarra, donde saem compridas línguas de fogo. Depois destes, vem um numeroso grupo de mendigos. Gente de todas as idades e sexos. Gente que a sociedade repeliu, em cujos olhos já não há ódio, amor ou sequer desejo, mas simplesmente súplica. Sinto as suas mãos tocarem-me, vejo os seus olhos virarem-se para mim, suplicantes e doloridos, sinto o seu hálito nas minhas faces, no meu cabelo, e fujo. Fujo para bem longe, onde já não ouço o clamor das suas vozes, onde já não vejo os andrajos que cobrem os seus corpos, onde as suas mãos já me não podem tocar.

Junto dos meus pés uma bola saltita. Um garoto vem buscá-la, e fico a vê-lo correr ao longo da praia. Não é gordo. Os cabelos muito louros encaracolam-se, formando mil anéis, que o sol faz brilhar. Os olhos parecem dois pedaços de céu, que ele tivesse roubado em manhã de Verão.

Ao vê-lo afastar-se, lembrei-me de quando eu era miúdo e brincava com bolas de borracha, quando o futuro e o passado não eram mais do que duas palavras vãs, iguais a tantas outras.

Devagar, caminhei para a minha barraca. O cérebro estava vazio. O corpo completamente esgotado. Estendi-me na areia, adormeci e sonhei com o dia que nunca nascerá.

V. R.

Assinal e propagai «Notícias do Algarve»



TAVIRA

Cine «Barrete»... Sim!!!

Lemos, no «Povo Algarvio» de domingo, 12 do corrente, uma crónica de Sebastião Leiria, a todos os títulos muito interessante, sobre o «Cine-Esplanada» que funciona no «Parque Municipal». Trata-se, como toda a gente sabe, de uma instalação deficiente, com o fim de angariar receita, e daí o não se curar de servir bem o público, quer fornecendo-lhe bons programas, quer por os mesmos programas não serem devidamente passados em máquina apropriada, e daí toda a gente que lá vai ficar desgostosa e mal servida. Quando alguém de fora arrendou o «Parque Municipal» e instalou ali uma esplanada com cinema, a coisa era outra, pois havia bons filmes, boa máquina e boa projecção. Agora é tudo e mais alguma coisa do que diz Sebastião Leiria. Continuamos mal servidos e não sabemos até quando, pois o arrendamento de tal esplanada deveria ser posto a concurso todos os anos por ser uma coisa da Câmara, e só assim se veriam bons espectáculos. E lembrar-nos nós de que em Monte Gordo existem duas boas esplanadas, construídas de propósito para tal e com todos os requisitos exigidos pela Inspecção dos Espectáculos e exploradas por competentes empresários que percebem do assunto, servindo bem a clientela.

Será possível?

Há dias, uma embarcação pertencente à Companhia de Pescarias do Algarve, assolada pelo vento, perdeu cerca de 50 atuns que levava a bordo, da Armação Medo das Cascas. Pois alguns desses atuns têm dado à costa aqui, e constam-nos que alguns foram apanhados e alguns os preparou e salgou para serem vendidos em época própria. Como o referido peixe se encontra já estragado, é um atentado contra a saúde pública, e deveria ser punido esse «benemérito» que apanhou se meliante peixe.

Ainda o «aselle mistura»

Durou somente oito dias à venda, em Tavira, este precioso óleo comestível. Quem tinha dinheiro comprava grandes quantidades, e quem o não tinha só comprava o necessário para seu consumo. Já se ouve novamente as donas de casa reclamarem. Quando terá isto fim?

Bus eléctricas

Faltou um dia e uma noite a energia eléctrica, que é fornecida pela Aliança Eléctrica do Sul. Graças às providências necessárias, voltou novamente o fornecimento de energia a esta cidade. Existe qualquer conflito entre a empresa fornecedora e a Câmara de Tavira, o qual deveria ser arrumado, pois uma cidade não pode estar à mercê destas faltas. — E.

ALCOUTIM

Festas da vila... Sim? ou Não?

Aproximam-se os dias 13, 14 e 15 de Setembro, datas em que se têm realizado as tradicionais e afamadas festas de Alcoutim, que atraem a esta vila centenas de pessoas vindas de todo o barlavento Algarvio e do Alentejo, as quais, além de proporcionarem à vila movimento e alegria, contribuem para uma obra de grande interesse para o concelho que é a construção do Hospital Sub-regional.

Ora, como até à presente data não foram nomeadas as respectivas comissões, como nos anos anteriores, a cada momento se está a ouvir a pergunta interessada dos habitantes de Alcoutim: Então as Festas da vila... Sim? ou Não?

Ainda não é tarde! Mas quanto mais cedo se começar, melhor.

Estou certo de que se começará, pois creio na boa vontade de todos os alcoutinenses, que desde o primeiro ano têm trabalhado desinteressadamente para a realização e bom êxito das festas de Alcoutim. E seria um absurdo se as mesmas não se realizassem, pois o saldo dos 91.717\$30, e como são necessários 150.000\$00, já não é tão difícil a construção do Hospital Sub-regional em Alcoutim.

Mãos à obra, alcoutinenses de boa vontade, que sempre têm mostrado o seu bairrismo e interesse pela terra onde nasceram! — E.

NÃO HESITE
Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
Telefone 59 Apartado 3
Vila Real de Santo António

ODELEITE

Água, ponte e açude...

A jusante da ponte sobre a ribeira que banha esta aldeia, existe um antiquíssimo açude que retinha as águas que faziam accionar um moinho, destruído em 1948 pelas enchentes, ficando, apesar disso, os proprietários a pagar os seus tributos.

Agora foi mandado fazer um rasgo vertical no referido açude, tendo as águas um desnível de um metro, aproximadamente.

Como não vemos benefício com tal trabalho e desconhecemos quem o ordenou, tornamos a lamentar os prejuízos que as plantações vão sofrer a montante do referido açude, ou para melhor, da ponte.

Nas margens altas com um desnível brusco, com dificuldade se produz o fenómeno de capilaridade que dava às plantas a necessária humidade para a sua completa maturação.

A escala hidrográfica que existe num dos pilares da ponte, depois de meados de Setembro fica toda descoberta, por ser nesse mês que se nota maior baixamento das águas. Nessa época pouco ou nada influi, por todas as plantações terem terminado o ciclo vegetativo e a maioria já estarem arcaçadas.

Casamento

Na igreja de Nossa Senhora da Visitação, nossa Padroeira, realizou-se, com toda a solenidade, no domingo passado, o enlace matrimonial da sr.ª D. Adélia Baptista Rosa, professora oficial, filha da sr.ª D. Maria Margarida Rosa e do sr. José Pedro Rosa, 1.º cabo da G. Fiscal, residente na Foz de Odeleite, com o sr. António Gomes Relógio Júnior, ajudante do Cartório Notarial e da Conservatória do R. Civil de Alcoutim, filho da sr.ª D. Isabel Joana G. Relógio e do sr. António Gomes Relógio, 1.º cabo, reformado, da G. F., também residentes na Foz.

Paraninfirmaram o acto, por parte da noiva, as sr.ªs D. Isabel Alves Neto e D. Maria dos Anjos Baptista; e por parte do noivo e por procuração, o sr. José Fernandes de Figueiredo Valente.

Foi celebrante o reverendo Padre Araújo, que em alocação breve expôs aos recém-casados a grande responsabilidade que de futuro teriam.

Ao novo casal, e em especial a suas famílias, apresentamos as nossas felicitações e bons desejos de duradouros felicitados.

Notícias pessoais

Tivemos o prazer de cumprimentar, na casa de sua família, a gentil menina Fernanda da Ressurreição Vieira, filha do sr. Manuel Vieira, sargento-músico da Banda da G. N. R.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Albertina Estêvão Afonso, encontra-se em Odeleite, na sua costuma da visita anual a sua família, o sr. José Afonso, cabo reformado da G. N. R., residente em Tavira.

Em gozo de licença, encontra-se nesta localidade o sr. Mário Simplício da Palma.

Gozando as delícias desta brisa ribeirinha e de baixo de um sol acariciador, após a visita a seus familiares, vimos as nossas gentis conterrâneas, meninas Irene e Mabilia Rodrigues Machado, filhas do nosso amigo sr. José Machado, sargento da G. Fiscal.

Eram acompanhadas pelas gentis meninas Maria de Lourdes Junça Miguel e Maria Isabel, ambas de Vila Real de Santo António.

Fazia-lhes também companhia o sr. eng. António José Pereira da Mota e Lis Saraiva.

Aniversário

Completo 23 anos de idade, no dia 10 do corrente, o sr. Eduardo Rodrigues Dias. Muitos e bons anos lhe desejamos.

Nascimento

No dia 9 do mês corrente, na sua residência, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Bárbara Simplício da Palma Rufino, esposa do nosso particular amigo e assinante sr. António Henrique Alves da Costa Rufino, distinto professor oficial nesta localidade. Mãe e filha encontram-se bem.

Aos pais e avós, os nossos votos de felicidades.

Cinema ambulante

Passou por esta localidade, com aparelhagem cinematográfica sonora, o sr. António Martins, nosso velho conhecido.

Boa audição e visibilidade de figuras, apesar do filme ser de fraca categoria, agradou nestas serras, onde espectáculos desta natureza são raros. — E.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

jornalistas e restante caravana da «Volta» sejam prestadas as maiores facilidades, quer por parte das autoridades locais quer dos simples particulares. Além disso, obteve um tão elevado número de prémios, para serem distribuídos pelos corredores, que coloca Vila Real de Santo António em 2.º lugar na lista das localidades, percorridas pela «Volta», que angariaram prémios para a mesma.

A chegada dos corredores está prevista para as 13 horas.

O conhecido grupo das «Estrelas de Portugal», que faz agora a sua reaparição no nosso país, depois da patriótica romagem ao Estado Português da Índia, integrado na caravana dos ciclistas, dará um espectáculo na 3.ª feira, à noite, durante o qual se procederá à entrega dos prémios aos corredores. Nesse espectáculo tomarão parte os artistas Ivon Curi (rei da rádio brasileira); Sílvia Maria, grande artista da rádio portuguesa; Humberto Madeira, já conhecido do nosso público, e ainda, Maria Amélia Canossa, Tristão da Silva, «Conjunto sem nome», Dilu Melo, acordeonista brasileira, e Luís de Carvalho, também artista da rádio brasileira.

Lista dos prémios angariados pelo Lusitano Futebol Clube, para serem distribuídos, no dia 21 do corrente, aos corredores que participam na Volta a Portugal em Bicicleta

Taça Câmara Municipal — Equipa vencedora da etapa que termina nesta localidade.

Taça Lusitano Futebol Clube — Para o clube a que pertença o corredor vencedor da etapa.

Taça Adeptos do «Benfica» — Entrega ao S. L. e Benfica, como prova da maior simpatia.

Taça Adeptos do «Sporting» — Entrega ao Sporting, como prova da maior simpatia.

Uma Caneta «Parker 51» — Oferta ao corredor Alves Barbosa, pelo Lusitano Futebol Clube, como preito de homenagem e reconhecimento, pela maneira altamente desportiva, como o mesmo corredor se conduziu em país estrangeiro.

Ofertas do Comércio e Indústria local

Casa Dynia — Oferta de um corte de vestido para o primeiro corredor do Sporting que cortar a meta.

J. Mateus & C.ª — Um cinzeiro para o corredor vencedor da etapa.

Casa Janelas Verdes — Estadia de oito dias ao 1.º corredor africano que cortar a meta.

André Roque — Uma taça para o último corredor do Sporting a chegar.

Casa Doli — Um barril de cerveja para a Caravana do Sporting.

Casa Janelas Verdes — Um barril de cerveja para a Caravana do Benfica.

C. Santos, Lda. — Um envelope mistério para o 1.º classificado da etapa.

Casa Pinheiro — Uma camisa de seda para o vencedor da etapa.

Casa Trindade — Duas camisas; uma, oferta a Alves Barbosa, outra ao vencedor da etapa. Sendo Alves Barbosa, será dada ao 2.º classificado da etapa.

V.ª de Manuel Francisco — Três pares de peúgas para o primeiro corredor do Benfica a cortar a meta.

Soc. C. Airi, Lda. — Uma camisa, à escolha, ao último corredor do Benfica a cortar a meta.

Casa Grauanita — Duas gravatas, ou outro artigo do mesmo valor, ao vencedor da etapa.

Miranda Junior — Estorjo de madeira e prata para o 1.º do Benfica.

Casa 28 — Um garrafão de vinho, marca «Risca de Seda», para o último do Sporting a chegar.

Anónimo — Um envelope mistério para Alves Barbosa.

Confecções Viresa — Uma camisa e cuecas ao vencedor da etapa.

O presidente do Lusitano Futebol Clube, proprietário da Papelaria Central, além de oferecer uma pasta de secretaria ao 1.º corredor do Benfica a cortar a meta, oferece, como prova de consideração e admiração, ao jornalista e seleccionador nacional de futebol, dr. Tavares da Silva, uma caixa de charutos.

A pedido do Lusitano Futebol Clube, a Empresa do Casino Oceano (praia de Monte Gordo), gratuitamente dá entrada no dito Casino a toda a Caravana da Volta a Portugal. (Corredores, dirigentes, jornalistas e rádio).

Por amável e gentil oferta de todos os industriais, serão feitas ofertas de conservas a todos os corredores, jornalistas e Federações.

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

Ainda a propósito do pé descalço

RECENTEMENTE, a Liga de Profilaxia deu grande difusão ao despacho do Senhor Subsecretário de Estado da Assistência, que determinou que em todas as Repartições dependentes do seu Subsecretariado não fossem atendidas, sob quaisquer pretextos, pessoas descalças, pelos inconvenientes já bem conhecidos por todos e que ocioso se torna enumerar.

Hoje, temos também a peito divulgar o Edital do Governo-Civil do Distrito de Aveiro, proibindo o pé descalço nesta formosa cidade e cuja execução se iniciou no dia 1 do corrente mês.

E' pois, da máxima conveniência transcrever esse documento, para provar quanto o combate a este mau hábito se vem intensificando no País e também para dar o exemplo a outras cidades e vilas importantes, onde ainda vigora esse mortífero e rotineiro costume, para que, de modo igual, seja proibido o pé descalço, com o que só lucrarão os hospitais e casas de assistência, dignificando-se essas terras aos olhos dos nacionais e estrangeiros.

Governo Civil do Distrito de Aveiro

Francisco José Rodrigues Vale Guimaraes, licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa e Governador Civil do Distrito de Aveiro!

Reconhecendo-se a necessidade de pôr termo ao hábito de andar descalço na via pública, que, além de prejudicial à saúde e contrário aos preceitos da higiene, é impróprio, sobretudo dos grandes meios populacionais.

Considerando que as providências já adoptadas em alguns distritos produziram os desejáveis resultados.

Usando da competência que me é conferida pelo § único do artigo 408.º do Código Administrativo, determino, com a aprovação do Governo, o seguinte:

Artigo 1.º — A partir de 1 de Agosto do ano corrente, é proibido, na cidade de Aveiro, o trânsito de pessoas descalças na via pública.

Artigo 2.º — A inobservância do disposto no artigo anterior é punida com as seguintes sanções:

a) — Pela primeira infracção, multa de 20\$00;

b) — Pela primeira reincidência, multa de 50\$00;

c) — Pelas demais reincidências, além da multa prevista na alínea b), prisão por 8 a 15 dias.

Artigo 3.º — O produto das multas finadas neste regulamento constitui receita do cofre privativo deste Governo Civil.

Governo Civil do Distrito de Aveiro, 3 de Julho de 1956.

O Governador Civil,

Francisco José R. V. Guimaraes

Aprovado por despacho Ministerial de 15 de Julho, referido.

Direcção Geral da Administração Política e Civil, 15 de Julho de 1956.

O Director Geral,
António Pedrosa Pires de Lima

VAI A LISBOA?
Hospede-se na **PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL**
Não encontra melhor — So dormidas — Ambiente regional — Água quente e fria em todos os quartos —
SERIEDADE ABSOLUTA
Rossio, 59-3.º Esq. — LISBOA — Telefone 22511

V. Ex.ª val a Évora?
Visite a **PENSÃO POLICARPO**. Confortáveis quartos. Águas correntes quentes e frias no 1.º andar. Excelente serviço de mesa. Recolha privativa de Carros
Rua Freiria de Baixo, 16 Rua Conde da Serra, 9, 11
TELEFONE 2 424 **ÉVORA**

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

DUAS ARQUITECTURAS

A arquitectura românica é arquitectura achamboada, uma espécie artística que ainda não cortou o cordão umbilical que a prende ao castelo feudal...

O MENINO QUE NÃO QUERIA APRENDER A LER:

O arquiduque Constantino da Rússia, o urso da Ucrânia, com rosto de calmuco, um rosto que nem parecia de homem, quando menino, dava a aprendizagem da leitura ao diabo, e a seu pai, que o queria obrigar a aprender a ler, respondia ele:

«Não quero aprender a ler, porque o senhor está cada vez mais tolo, apesar de eu o ver andar sempre a ler.»

Raciocinava como filósofo o menino com vocação para analífabo. Se a bondade dos homens fosse directamente proporcional ao alfabeto, de há muito que a felicidade se teria instalado na Terra e...ilhas adjacentes.

PENA DE NÃO TER CONCLUÍDO...

Cláudio Bernard (aquele de quem J. B. Dumas escreveu: «Não é um fisiologista, é a própria Fisiologia»), ao morrer, teve esta confissão, alusiva a trabalhos que trazia entre mãos, e que não pôde concluir: «C'est dommage, c'eût été bien finir.»

Visado pela Comissão de Censura

SERVIÇO

Precisa-se, para tratar de pessoa de idade e serviço de casa. Nesta redacção se informa.

Versos a uma Rainha

Republicano, desde a minha infância, E nunca mudarei destas ideias! O sangue que circula em minhas veias Tem glóbulos vermelhos de constância!

No meu pensar habita a tolerância Dum vetusto castelo sem ameias, Nem curtos dardos ou compridas teias, Atritos que só armam discrepância.

Foram reis, vieram ditadores, Na Bulgária, na China e no Egipto, Escravos arvorados em senhores...

É o destino a segregar carícias? Não. É mistério que traduz um grito: O desdém afrontoso do «Notícias».

Eu nunca prestei culto a divindades Ou a vultos inchados de nobreza, Por entender que a Santa Natureza Talhou os homens pelas igualdades.

Depois invejas, ódios e maldades Encharcaram o Mundo de tristeza... É o Cristo, ensanguentado, na pobreza Fez uma sementeira de verdades!

A Praia da Rocha é uma Rainha De manto azul e areias caprichosas, Que as pombas bravas beijam, à noitinha.

João de Deus cantou-a em pleno dia, E as criancinhas, puras como rosas, Andam contentes, riem de alegria!

MARCOS ALGARVE

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

A PROJECCÃO DO ALGARVE NO SUL DE ANGOLA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

em princípios de Fevereiro de 1891.

De Olhão teria saído também, em 1860, levada por José Guerreiro de Mendonça, a primeira canoa de pesca que teve Moçâmedes.

Não poderá, pois, ser indiferente ao Algarve o actual desenvolvimento das povoações costeiras do Sul de Angola, com o das suas indústrias de pesca.

Apreciando alguns expressivos dados do último relatório do Grémio dos Industriais de Pesca de Benguela, o importante bi-semanário «O Lobito» salienta, dentre os problemas que tais dados lhe suscitam «o da fixação a Angola não apenas dos valores materiais, em fundos cada vez mais vultuosos, mas o da fixação de um outro valor mais importante e decisivo — o da população europeia.»

«Será difícil encontrar na Província — acentua o autor do periódico — outra fonte mais vigorosa e económica de colonização.

Table with 4 columns: Homens, Mulheres, Crianças, Total. Rows for Europeus, Assimilados, Indígenas contratados, Indígenas voluntários.

b) Ascensão da fixação europeia nas ditas pescarias:

Table with 4 columns: Homens, Mulheres, Crianças, Total. Rows for Em 1949, Em 1952, Em 1955.

Reparando no aumento de mulheres e, sobretudo, no de crianças, verifica-se, na verdade, «quão pujante é esta colonização europeia de características livres».

Os dois últimos relatórios do «Grémio dos Industriais da Pesca e de seus Derivados do Distrito de Moçâmedes» confirmam-nos, na parte que a este Distrito respeita, as conclusões dos dados relativos aos de Benguela.

«É bem considerável — lê-se no relatório de 1954 — o número de brancos que aqui se têm fixado, chamados pelas necessidades da indústrias de pesca. Todos os dias aportam a estas paragens novos trabalhadores do mar que na Metrópole fizeram o seu aprendizado. Aqui se vão fixando, espalhados por toda esta imensa faixa litoral, impulsionando o aparecimento de futuras povoações e

rosa e económica de colonização. Vigorosa, porque o sangue em borbotões se desdobra em novas vidas — caudal de que se faz o futuro; económica (para o Estado, entenda-se), porque além de este não despende nada com o recrutamento, vinda e instalação de tais emigrantes, ainda por cima eles constituem outros tantos contribuintes a enriquecerem o erário público. A seguir ao chefe de família, vêm a mulher e os filhos. E como inegavelmente disfrutam de situação muito melhor que aquela que tinham na Metrópole, sobem grandemente de nível e proliferam generosamente.»

E certo de que «proteger e amparar pescarias é semear núcleos de colonização — problemas dos que mais atenção despertam aos governos» — «O Lobito» documenta as suas afirmações com a transcrição dos seguintes números:

a) População das pescarias afectas ao Grémio, em Dezembro último:

Table with 4 columns: Homens, Mulheres, Crianças, Total. Rows for Europeus, Assimilados, Indígenas contratados, Indígenas voluntários.

fomentando e enriquecendo populacionalmente as existentes, cujo germe fecundo foi lançado há mais de um século pelos heróicos fundadores desta portentosa obra de colonização europeia.

«Não andaremos fora do âmbito das realidades se dissermos que o próximo censo da população de Angola encontrará no Distrito de Moçâmedes quase o dobro dos habitantes que aqui contou em 1950.

«Mesmo para os leigos, esse fenómeno se torna evidente se atentarem no crescente desenvolvimento urbano que ultimamente se vem notando em Moçâmedes, Porto Alexandre e todas as povoações do litoral, onde a construção de habitações atingiu um ritmo nunca igualado, embora se não aproxime sequer das necessidades actuais.»

Era como segue o quadro dos empregados na indústria da pesca, no Distrito de Moçâmedes, em 1954:

Table with 5 columns: MATRICULADOS, Brancos, Negros, Pretos, Total. Rows for Na pesca, No arraial, Escribas-serviço em terra.

Table with 4 columns: NÃO MATRICULADOS, Pessoas da família, e seu cargo. Rows for 2,767, 588, 3,355; 3,948, 844, 7,659, 13,451.

«Neste número — esclarece o relatório do Grémio — não se incluem os próprios industriais que trabalham directamente na pesca, grande parte daquela maioria de 80% de que já fizemos menção e que, fora do nosso ambiente, passam despercebidos a muita gente que pensa que aqui são todos grandes industriais.»

Não se incluem também no total as pessoas de família a cargo dos trabalhadores indígenas, as quais devem representar cifra não inferior às pessoas de família dos trabalhadores indígenas de Benguela.

O relatório do ano findo informa que ultrapassou 125 mil contos o montante de investimentos feitos pela indústria de pesca de Moçâmedes, nos três últimos anos, na respectiva modernização.

Vencidos os naturais solavancos resultantes de tão elevado dispêndio — e sobretudo da inesperada crise que no ano findo asseverou a indústria —, espera-se, pois, que, com o auxílio dos créditos já obtidos, ela retome, já no corrente ano, a sua marcha ascensional.

E assim a própria mecanização da indústria, com que se procura não apenas modernizá-la, mas simultaneamente suprir a escassez da mão de obra indígena, poderá abrir mais largo campo ao trabalho especializado do branco.

Lisboa, 8 de Agosto de 1956.

Mateus Moreno

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA de Vila Real de Santo António

O Corpo Directivo desta Santa Casa faz saber que se encontra fechada a Maternidade do Hospital, em consequência de se terem despedido as enfermeiras-partelras que nela trabalhavam e não ter sido possível encontrar, até agora, quem as substitua, apesar de todas as diligências feitas nesse sentido,

CARTA DE LISBOA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

mapa-mudo de Portugal, que ao tempo se usava nas escolas primárias. Recordo-me de que em frente do Jardim da Estrela, indo com minha mãe, mas tendo-me afoitado a passar na ocasião em que vinha um carro qualquer, por um triz que não fico abaixo dela... (não estava isso certamente no decantado livro do Destino.

Desta quase nula visão olisiponense, me rressarci então fartamente, durante os doze primeiros anos deste século que aqui tive que passar...

Fizera eu, em Olhão, exame de instrução primária precisamente no dia 27 de Abril de 1894, em que perfazia nove anos e meio. (Estudara com um sr. professor Veiga que havia em Olhão; mas, não me considerando ele maduro para a prova, e teimando a minha querida mãe (a quem, pelo menos na obstinação, saio...) em que eu fizesse o exame, foi meu professor então, excelente ao que se provou, o meu velho e caro parente, primo-irmão de minha mãe, António Martins Paula, então ajudante de farmácia no Compromisso Marítimo de Olhão. (Lembro-me bem ainda de estarmos os dois à mesa da sala com o candeeiro azul de globo fosco, e o relógio em frente, mesa e relógio que ainda conservo e por sinal se encontram aqui agora na casa de família onde me alojo...) Em Olhão, passado o exame, estudei, afinadamente, português com o velho professor Sousa Machado, indo fazer exame ao Liceu de Faro; e a seguir, sendo o curso ainda por disciplinas, matriculei-

QUE É FEITO DO PARQUE DE CAMPISMO?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

guns anos, a Câmara Municipal, trá-lo sempre bem cuidado, muito limpo e digno dos maiores elogios. Com uma situação deveras magnífica, ele tem-se imposto à consideração de todos, pois todos os seus arredores oferecem-nos as vistas mais belas e mais variadas.

«Fomos lá. E que vimos? «Vimos 120 tendas armadas e em redor de cada uma delas tudo o que é indispensável à vida de campo. O caracol só traz a sua casa às costas, mas os campistas trazem a sua casa, as suas roupas, as suas cadeiras, as suas mesas, os seus depósitos de água, o seu fogareiro a petroleo e a sua mobília de quarto...»

«Os géneros alimentícios são-lhes fornecidos pelos comerciantes da vila que se deslocam até lá. O leite não falta.

«Para lavar a loiça e a roupa, têm bons lavatórios, enfim, não lhes falta nada, e apesar de lá se encontrar tanta gente, não lhes faltam sombras para descansarem a sós, ouvindo o chilreio da passarada, ou extasiando-se na contemplação do azul do céu e do mar.

«O guarda lá anda para cá e para lá, ajudando este ou aquele, num vaivém contínuo para agradar a todos.

«O Parque Municipal de Campismo de Sesimbra é, sem dúvida, um lugar de eleição onde a natureza colocou graça, e a mão do homem o que é mais útil e de maior necessidade.

«Todos os sesimbrenses estão assim de parabéns por terem um Parque de Campismo tão bom e tão digno de justas referências.»

Vamos ver quando chegará a vez de nós podermos envidar-nos, nestes termos, do nosso projectado Parque de Campismo.

José Barão

me em francês no Liceu (no antigo edifício contíguo ao Seminário), tendo ali por mestre o professor Aragão e por discípulo o pequeno Cabeçadas (eu era o pequeno Lopes) companheiros de bancada (eu era o n.º 3 e ele o 4...) e amigos, como ficamos sempre, indefectivelmente...

(Refiro-me ao hoje almirante Cabeçadas, que já foi presidente da nossa República e até mais do que isso mesmo, nos termos da abolida Constituição, numa situação de emergência, após o 28 de Maio...) Se mestre Aragão sabia bem francês ou não, não posso dizê-lo; mas o que posso dizer é que, nas aulas dele, por meu aturado esforço aprendi quase tudo o que fiquei a saber de francês... (Ainda me estou a ver, à mesa da casa de jantar, à noite, agarrado ao dicionário, para as traduções da selecta de folhas amarelas que conservo...)

Passado o francês, deveria continuar no Liceu pelo inglês e geografia, como era costume... Mas aí! Era o tempo da nova reforma que começara já, tendo sobrevivido do 1.º ano apenas um aluno, que proseguiu solitário até ao 5.º ano (o hoje coronel João Lapa Fernandes Manuel, olhado justamente lá pela rapaziada como uma inteligência). Quis pois, matricular-me no inglês do mestre Júdice e na geografia do dr. Vasco Mascarenhas, então secretário do Liceu. Recordo-me assim de que, indo com minha mãe a casa dele, para esse fim, tal manha ele usou para me caçar para o curso novo, por classes (a reforma de Jaime Moniz, decalcada da Alemanha para onde a política nacional se inclinara, com João Franco no ministério da Instrução, como presébia à brutalidade do Ultimatum inglês de 1890), que minha mãe se apavorou de me mandar para Beja, liceu central, onde transitoriamente o regime por disciplinas continuava ainda, a mim, seu filho único, de 12 anos apenas. E assim, não tive outro remédio senão matricular-me no 1.º ano do curso da nova reforma, onde o inglês fora substituído pelo alemão, tendo então durante os cinco anos firmes, como discípulos cuja boa amizade me foi cara sempre, o Justino Bivar, o malgrado Alexandre Figueiredo, o Gil careca, o Artur Pablos, o Joaquim Cândido Pereira de Magalhães e Silva («como Padre Mestre Osório sempre lhe declinava o nome inteiro), o Moiraizinho, o Hermenegildo, o Francisco Mendonça (Padre Bruzo), o Tavares Branco, o Miguel Galvão, outros ainda... Não admira que, passado em português e em francês de cavalo a burro, por assim dizer, eu tivesse sido o melhor aluno nestas línguas; mas também fui, digo-o sem qualquer vanglória, o melhor aluno em latim, por virtude dum descompostura do velho Padre Mestre respeitabilíssimo, que me ficou a ter em conta especial desde que eu soube na ponta da língua, de cor, sem falhar um, todos os pretéritos e supinos irregulares... Belos tempos esses em que a minha memória era vasta e firme. (Cheguei a saber de cor, inteirinho o canto I dos Lusíadas, e mais todos os diversos episódios célebres, num total de 250 e tantas estrofes. Puderam também eu não lia todas as noites outra coisa...) Em história, geografia e desenho, fui o vulgar; e nas ciências e na matemática fui aluno quase medíocre, apesar de ter por professor o dr. Ramos, formado em matemática. Mas, não sei, o método dele quanto às demonstrações era exactamente aquele que mais tarde encontrei pitorescamente profligado por Schopenhauer... (De resto, eu não estaria ainda amadurecido para as matemáticas... como depois verificarei).

Findo o 5.º ano em 1901, como o Liceu de Faro continuava sendo nacional, tive então que vir para Lisboa, para os dois últimos: o 6.º no Liceu do Carmo, o 7.º no da Regaleira, a S. Domingos.

Da influência da política nacional na instrução, resultou assim para mim o ter aprendido alemão, bem, mas o não ter aprendido inglês senão mais tarde, saltuária e autodidacticamente, mal... A minha cultura ressentir-se-ia fatalmente desta diferença, embora eu não haja tido que arrependê-me, pelo contrário.

O francês, porém, ficou sempre para mim uma segunda língua materna e no meu gosto pelas línguas, aprendi depois também, autodidacticamente, pela forma razoável que ainda pratico, o italiano e o espanhol, e ainda, mais tarde, algo de grego e até de hebraico (de que hoje nem sei distinguir umas letras das outras) e, por fim, de árabe que bastante

HOMENAGEM

ao dr. João Dias

Para a construção, na vila de Alcoutim, de um busto a perpetuar a memória do grande benemérito que foi o dr. João Dias, foram recebidos mais os seguintes donativos, que a Comissão agradece, reconhecidamente:

Table with 2 columns: Donator, Amount. Rows include Transporte, Aldeia do Pereira, Monte de Fonte Zambujo, Monte dos Tacões, Monte do Coito, Monte de Soudes, Monte da Silveira, Monte dos Vicentes, Guilhermina Eduarda do Carmo, Maria A. Gonçalves, A transportar.

Mais agradece a referida Comissão que qualquer donativo para o fim em vista seja enviado, o mais breve possível, para o presidente da Câmara, comandante do Posto da G. N. R. ou provedor da Misericórdia.

CRÓNICA DE OLHÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Apenas sol, sol e sol! A propósito: será este o tão celebrado sol algarvio? Impecável, fervente, ferindo sem dó os corpos sudados dos trabalhadores e dos pescadores, é um sol tropical, estranho, sádico, usurpador e tirano. Ninguém lhe dá um sorriso de gratidão e a terra parece dormente, oprimida e sufocada.

AGOSTO, 3 — A noite chega. Uma aragem violenta, um vento norte quentíssimo que, se fora do sul, dir-se-ia oriundo dos desertos africanos, conquista a vila, baila nos largos em torvelinhos de pó, dá largas à sua fúria escaldante nos arredores e no cais; sentimento nos asfixiar, um cheiro pesado fere-nos as narinas, a vila parece metida num forno gigantesco que a faz tresandar a peixe cozido, a salmoura e a suor.

AGOSTO, 7 — Dia triste, cinzento e frio. Sinto-me confuso, as nuvens negras e baixas arrepiam-me, agorram-me maldições e desgraças. Negros pensamentos avassalam-me; uns acordos longínquos julo ouvir: «Morte e Transfiguração» de R. Strauss. Vejo-me distante do mundo, uma irrealdade tétrica cerca-me, transtorna os meus sentidos, tudo. Fantasmas arrastam-me por florestas de bruma e sinto o roçar de mercegos pelos meus lábios.

AGOSTO, 12 — O dia deve estar maravilhoso. Mas eu encerrei-me junto do aparelho. Tudo fechado, portas e janelas. Principia uma sinfonia de Schumann. Passeio, então, por campos que desconhecia, subo a montanhas que se desfazem em planícies férteis, voo por entre miríades de insectos que se transformam em nuvens rutilantes; sinto-me infinitamente feliz; o meu ser alcança por fim todo o horizonte e quer dar a todas as coisas um pouco de harmonia e de paz.

Verão de 1956

António Macheira

Assine o «Notícias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

esqueci por não ter prosseguido, mas a que voltarei ainda.

... Mas tornemos à Lisboa dos meus 20 anos.

Lisboa, 14 de Agosto de 1956.

Franco Fernandes Lopes